

**ESTUDOS
ARQUEOLÓGICOS
DE OEIRAS**

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 · 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

A NECRÓPOLE TARDO-ROMANA E ALTO-MEDIEVAL DE OEIRAS

João Luís Cardoso⁽¹⁾ & Júlio Roque Carreira⁽²⁾

1 - INTRODUÇÃO

O presente estudo dá a conhecer um conjunto de apontamentos antigos, que se mantiveram inéditos, da autoria de J. Leite de Vasconcellos, e conservados no arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Respeitam à escavação de quatro sepulturas, dirigida pelo próprio, de um conjunto que ultrapassava as duas dezenas, constituindo importante necrópole situada em encosta suave da margem esquerda da ribeira da Lage, imediatamente a Norte do núcleo histórico da vila de Oeiras. Trata-se de área voltada a poente, distanciada cerca de 200 m da linha de água referida, a qual desagua na praia de Santo Amaro de Oeiras, cerca 1 km a jusante e então designada por “Quinta da Costa” (Fig. 1).

Do ponto de vista geológico, os terrenos são constituídos por bancadas de calcário interestratificadas em depósitos margosos facilmente escaváveis, do Cretácico inferior (Cenomaniano). Tais características poderão ter favorecido a escolha do local para mecrópole, não só pela fácil extracção de lajes usadas na estruturação das sepulturas, directamente recuperadas nas bancadas aludidas, mas também pelas condições de escavabilidade das passagens mais margosas, particularmente adequadas à abertura dos covachos.

O referido manuscrito refere que a exploração das quatro sepulturas para o efeito propositadamente conservadas pelo proprietário do terreno se efectou entre 24 de Novembro e 1 de Dezembro de 1901. Apesar do cuidado posto no registo de campo e da redacção de Leite de Vasconcellos se apresentar em condições de ser publicada, tal jamais se verificou, por razões que desconhecemos; tão-pouco, os resultados são mencionados em outras obras do autor ou dos seus contemporâneos; apenas CORREIA (1913), ao estudar uma sepultura romana de Freiria, já do vizinho concelho de Cascais, alude ao cemitério de Oeiras em palavras muito breves (p. 93): “À saída da vila, para o norte, sabe-se de um cemitério da mesma época, na Quinta da Costa”. A única referência que Leite de Vasconcellos faz do achado e das explorações que ali procedeu é circunstancial: inscreve-se no relatório de actividades do pessoal de então do Museu Etnológico Português (VASCONCELLOS, 1915, p. 322). relativamente ao ano de 1901: “Em Novembro, escavação de um cemiterio antigo na Costa (Oeiras), feita pelo Director, ajudado por José Angelo Rodrigues, empregado da Biblioteca Nacional”. A menção de “cemiterio antigo” e não de “cemiterio romano” explica-se pelas dúvidas que L. de Vasconcellos tinha sobre a cronologia do mesmo, conforme o próprio expressa, no manuscrito que esteve na origem deste estudo, que termina com a interrogativa “Qual a epocha?”.

⁽¹⁾ *Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º. 5, 4.º. andar. 1500 Lisboa.*

O local, presentemente, é conhecido pelo nome de “Junção do Bem”, encontrando-se a área da necrópole referenciada por fotografia de época onde são visíveis duas das sepulturas, bem como o moinho, ainda hoje existente no alto da encosta, em último plano (Fig. 2) embora alteado, e transformado de há muito em miradouro. As suas coordenadas são as seguintes: Q 974, 925 (Carta Militar de Portugal, esc. 1/25000, folha 430 - Oeiras, 1970).

É provável que tenha sido este o local de onde provieram diversas lápides funerárias romanas estudadas por HÜBNER (1892, inscrições nº. 5009, 5011 e 5016). Na Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, corresponde-lhe o número 59 (CARDOSO & CARDOSO, 1993).

A necrópole desenvolve-se em terrenos adjacentes aos ocupados por importante *villa urbana*, cujo elemento mais notável corresponde a mosaico policromo, descoberto em 1903 e atribuível ao século II d. C. (GOMES *et al.*, 1996; CARDOSO *et al.*, 1996. Assim se explica a ocorrência de materiais romanos de carácter doméstico na área da necrópole, como pesos de tear, um opérculo de ânfora ou, ainda, diversos fragmentos deste e de outros tipos de recipientes relacionados com actividades quotidianas desenvolvidas na área da referida *villa*.

A exploração do que restava da necrópole foi noticiada na imprensa diária da época:

O Século, de 24 de Novembro de 1901, insere a seguinte notícia, assinada por Costa Pinto, no mesmo dia em que se deu início à escavação:

“Vem amanhã aqui o Sr. Leite de Vasconcellos visitar as sepulturas e ossadas que se tem encontrado nas escavações da propriedade do nosso amigo Sr. Esteves Mendes, às quaes nos não temos referido por ser coisa muito trivial; assim, na construcção da escola Conde de Ferreira, appareceram ossadas, por ali ter sido o antigo cemiterio coberto da villa; na construcção da casa do fallecido Sr. José Florindo de Oliveira, appareceram tambem ossadas provenientes, segundo se disse, d’ali ter existido uma capella: na abertura do cano da rua de Alcacima appareceram egualmente algumas ossadas, ignorando-se a proveniencia; nas obras do Sr. Guimarães, na rua Ricardo Correira, appareceram tambem ossadas, por ali ter sido o antigo cemiterio. E, comtudo estas agora, appareceram encerradas em sarcophagos de pedra, e cobertos com lajões. Informaremos os leitores”.

Na sequência desta notícia, o mesmo jornal publica outras duas, não assinadas, em 28 de Novembro e 3 de Dezembro do mesmo ano, onde se descrevem, sucintamente, as principais características dos sepulcros, não inteiramente coincidentes com o manuscrito de Leite de Vasconcellos:

“Sob a direcção do sr. dr. Leite de Vasconcellos, procedeu-se hontem, pelas 10 horas da manhã, á abertura de 3 jazigos reservados na quinta do Costa para trabalhos de archeologia.

Encontraram-se no primeiro 4 craneos e varias ossadas grandes, pertencentes a esqueletos diversos; no segundo, 2 craneos e tambem diversas ossadas; e no terceiro, 4 craneos e bastantes ossos grandes.

Confrontando isto com as outras ossadas, já encontradas em outros jazigos, já dispersos pelo solo, sem se encontrar um esqueleto completo nem regularmente disposto, mostra ter-se ali constituido um ossario em tempos remotissimos, que podem remontar aos fins do imperio romano, isto em virtude da argamassa de que estão revestidos os ditos jazigos, e dos fragmentos d’uma amphora e dos grandes tijolos rectangulares que constituiam o fundo dos mesmos jazigos dos quaes o segundo tinha uma configuração diferente dos outros.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos volta aqui no domingo para ultimar os seus trabalhos, estando já apartados alguns craneos e tijolos para irem para Lisboa”.

A última notícia publicada no *O Seculo*, de 3 de Dezembro de 1901, imediatamente após o termo de intervenção arqueológica é do seguinte teor:

“Voltou aqui hontem o sr. dr. Leite de Vasconcellos, acompanhado do illustre archeologo sr. Mello e do distincto photographo sr. Rodrigues. Abriu um dos jazigos reservados, dentro do qual se encontraram tres craneos e ossos grandes e miudos, apparecendo entre estes muitas vertebraes, que até aqui não tinham apparecido.

Mediram-se os jazigos e tiraram-se photographias de todos, reservando-se a medida dos craneos e o seu transporte para Lisboa no proximo domingo.

Sendo, como dissémos, este ossario de tempos remotissimos, que sobem até ao imperio romano, do occidente, taes ossos, portanto, pertencem a pagãos, pelo que entendemos que à sua remoção deve apenas presidir a auctoridade administrativa, sem intervenção da ecclesiastica, que não deve querer converter à fé as ossadas dos barbaros do occidente”.

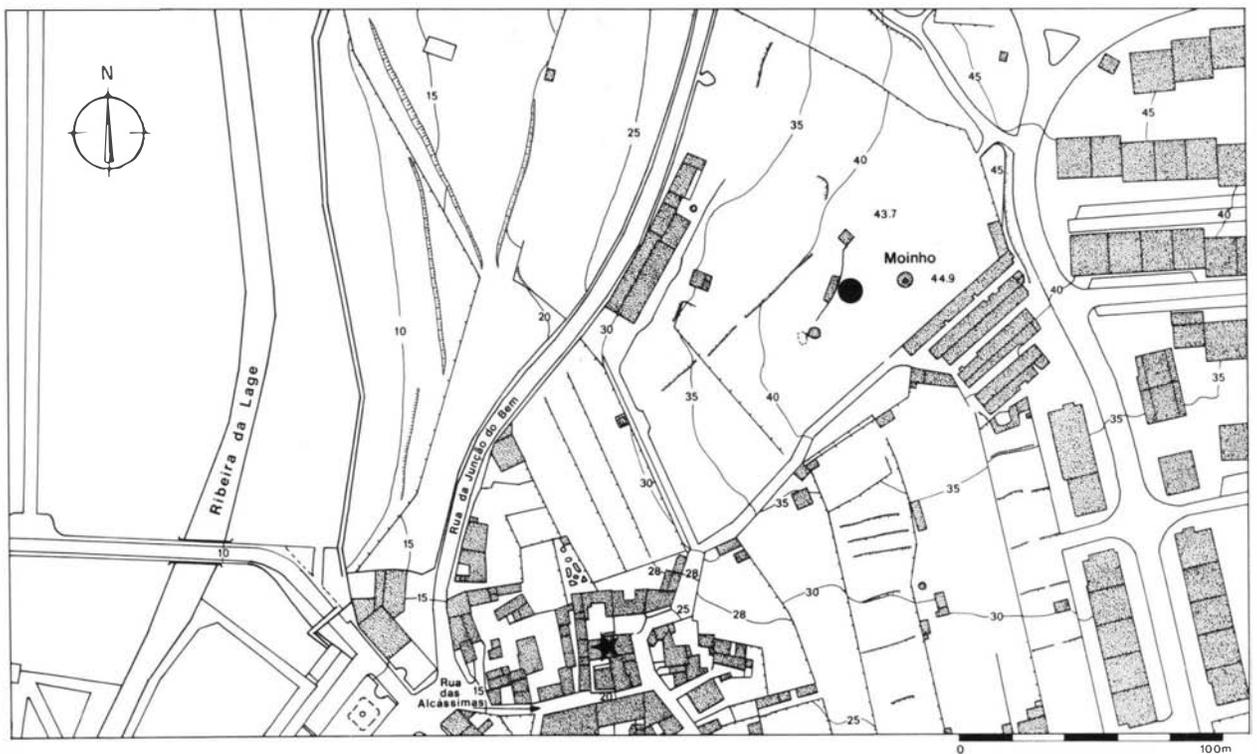
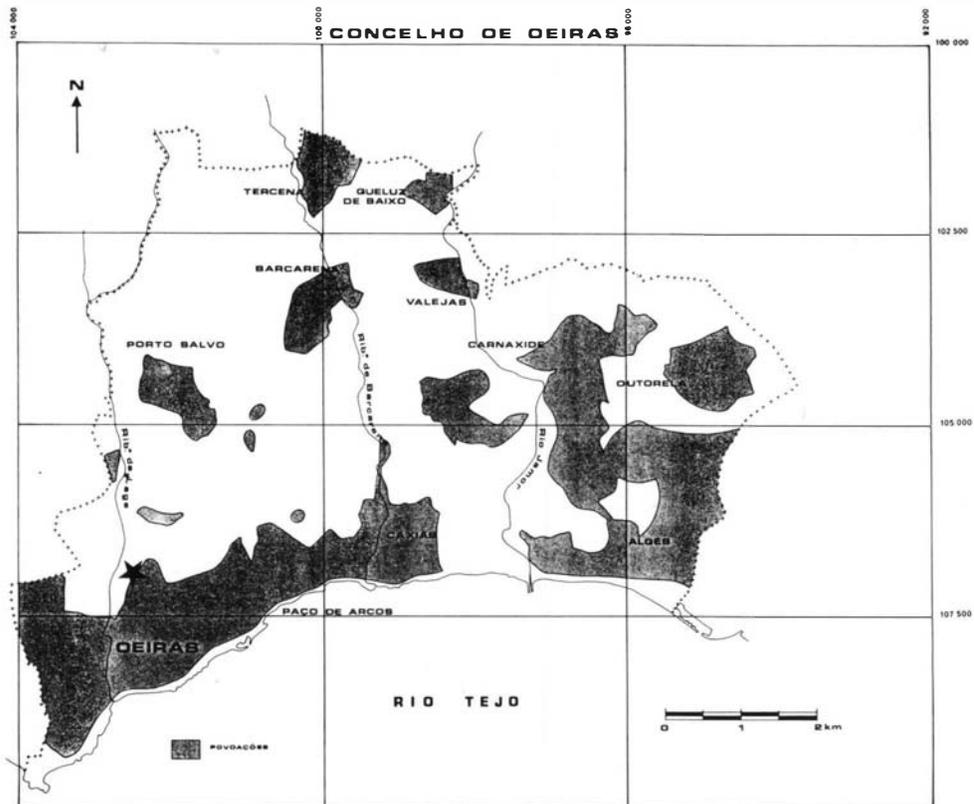


Fig. 1 – Em cima: localização da necrópole romano-medieval de Oeiras (estrela) no contexto das zonas urbanizadas do concelho de Oeiras. Em baixo: planta do limite setentrional da área urbana de Oeiras. O círculo negro assinala o local das sepulturas da Fig. 2, correspondente a encosta suave do vale da Ribeira da Lage; a estrela indica a implantação do mosaico romano de Oeiras, no núcleo histórico da vila.

Pode pois, concluir-se que a exploração se realizou em dois dias; no dia 24 de Novembro de 1901 foram abertas três sepulturas e no dia 1 de Dezembro a restante. Verifica-se igualmente, que todas as sepulturas foram fotografadas, embora tais chapas não se tivessem localizado no Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, o mesmo se verificando quanto aos crânios que a última notícia refere terem sido transportados para Lisboa. A Fig. 2 reproduz uma das chapas localizadas nos arquivos daquele Museu, por certo da autoria do fotógrafo José Ângelo Rodrigues.

A importância que a exploração da necrópole adquiria, por via das notícias publicadas na imprensa nacional da época, reflectiu-se igualmente a nível da imprensa local, embora seja evidente a falta de interesse desta no tratamento da questão. Com efeito, a única notícia publicou-se no quizenário *O Echo*, editado em Paço de Arcos (n.º 53, de 15 de Dezembro de 1901), motivada não pelo objectivo de informar sobre os trabalhos realizados, mas tão-somente para publicitar, num tom jocoso, a existência de diferentes opiniões sobre a antiguidade das sepulturas; tal facto é revelador de algum impacto que aquelas explorações tiveram na edibilidade e na população oeirense da época. Pelo seu interesse documental, expressivo dos acontecimentos pitorescos que pontuavam o quotidiano de uma pequena vila dos arredores de Lisboa, no início deste século, é transcrita na íntegra (cópia obtida, a nosso pedido, por M. C. André, na Biblioteca Nacional de Lisboa):

“Caso grave

Vae tomando incremento o conflicto entre o secretario da camara, e um distincto archeologo por causa dos esqueletos encontrados, em umas excavações a que se esta procedendo em Oeiras.

O archeologo, quer levar o achado para um museu, e exhibindo uns cacos, diz que os esqueletos devem ter pertencido a romanos que tivessem vindo provar a agua-pé do João de Santarem.

O sr. secretario diz que o romano será elle, (o archeologo) e que os esqueletos são eleitores, devidamente recenseados, e que nas occasiões criticas se enfarpelam, para virem perante a urna exercer o sagrado direito de voto.

Os esqueletos, não dizem, *tus* nem *bus*, mas puxados d’um lado pelo sr. secretario, do outro pelo sr. archeologo já começam a manifstar-se (por gestos é claro), massados por tanta discussão. No proximo numero daremos noticia do que se passar”.

Ao contrário do referido na notícia, o número seguinte, datado de 15 Janeiro de 1902 – o último que do Jornal terá sido publicado – não refere quaisquer desenvolvimentos da polémica, entretanto esmorecida após a conclusão dos trabalhos.

Apesar de não ter seguramente passado despercebida da população local, a exploração rapidamente caiu no esquecimento; com efeito, FERREIRA & FERREIRA (1962; p. 224) declaram: “Sobre o cemitério da Quinta da Costa não nos foi possível adquirir mais pormenores sem fazer escavações e sondagens. É difícil saber ao certo onde ficava. A gente da região não adianta nada”.

2 - O MANUSCRITO DE J. LEITE DE VASCONCELLOS

O documento apresenta-se transcrito na íntegra; manteve-se a redacção da época. Na Fig. 3, reproduz-se em *fac-simile* uma das páginas do manuscrito de J. Leite de Vasconcellos e, na Fig. 4, a disposição relativa que, no terreno, conservavam os quatro sepulcros entre si.

Necropole de Oeiras

Andando o Sr. Casimiro Esteves Mendes, residente em Oeiras, a proceder a trabalhos agricolas na sua propriedade da Costa, junto àquella villa, encontrou grande número de sepulturas com ossadas. Na ideia de que o estudo d’estas sepulturas teria alguma importancia archeologica, communicou-me o achado, só porém um pouco tardiamente, p[or]que suppôs que eu estava fóra de Lisboa. Reservou-me ainda assim quatro sepulturas intactas, que foram exploradas na minha presença nos dias 24 de Nov. a 1 de Dez. de 1901, e guardou-me tudo o que nas outras e no terr[eno] em volta tinha apparecido.

As quatro sepulturas que explorei estavam na disposição indicada na planta junta, isto é, parallelas entre si, e orientadas de Este para Oeste (Figs. 4 e 5). Eis a descripção de cada uma e do respectivo conteudo.



Fig. 2 – Necrópole romano-medieval de Oeiras. Em primeiro plano, duas sepulturas de planta rectangular, de mistura com ossos e lajes que integravam a sua estrutura. Em segundo plano, à esquerda numerosas tijoleiras rectangulares de outras sepulturas destruídas; ao centro, o moinho ainda existente. Foto de 1901, de José Ângelo Rodrigues (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

1ª. sepultura (Fig. 5, nº. 1)

Está aberta no chão, tendo do lado do N., uma serie de pedras postas de cutello e em forma de parede; sobre esta parede estava horizontal uma fiada de tijolos vermelhos, rectangulares e estreitos. Tinha tampa de grandes lages. Tanto estas lages como as pedras da parede não apresentavam trabalho, eram toscas. Mandeï cavar a sepultura até ao chão natural e appareceu o seguinte:

No sitio indicado p[or]a dois cranios; no sitio indicado p[or]b fragmentos de cranio; no sitio indicado p[or]c fragm. de osso iliaco, e de maxillares inferiores e ossos compridos; no sitio indicado p[or]d tres cranios, e ossos compridos (postos atravessados). Muitos d'estes ossos estavam uns sobre os outros. Nada mais se encontrou. Depois de esvasiada a sepultura, foi medida, e viu-se que tinha pouco mais ou menos as sgt. dimensões: comprimento 1,35 m; largura 0,37 m; altura 0,43 m. A tampa estava abaixo do solo natural uns 5 decimetros. Os vestígios hum [anos] foram pois de uns 5 ou 6 esqueletos.

2ª. sepultura (Fig. 5, nº. 2)

Revelou-se pelo apparecimento de 5 pedras toscas postas em fôrma de tampa. Mandeï levantar a pedra e cavar até o salão. A sepultura era aberta no solo natural, sem revestimento alg[um] de pedra. No sitio indicado p[or]a estavam, dentro da sepultura, varios ossos compridos (de perna e do braço), tres cranios quasi inteïros, e fragmentos de outros, e além d'isso um torrão com duas calotes cranianas com as convexidades oppostas uma á outra. Havia pois vestígios de 4 ou 5 esqueletos.

3ª. sepultura (Fig. 4, nº. 3)

Aberta no chão natural, sendo do lado do Poente revestida internamente p[or] duas pedras e do lado do Sul por outras duas. Metade, pouco mais ou menos, da sepultura estava coberta por toska lage em fôrma de tampa, de uns 0,53 m de largura. Na parte da sepultura sem tampa só encontreï esquirolas osseas, ou ossos muito delidos. Na parte que estava tapada encontreï os seguintes ossos:

em a: fragmento de cranio

b: costellas, ossos longos e frag[mentos] de varios ossos

c: dentes

d: ossos da perna, cabeça de tibia, ossos do pé

e: ossos do cranio; duas metades inferiores de femures

f: vertebra dorsal, cranio

g: sacro; ossos do pé

h: omoplatas, vertebra dorsal, cabeça de umerus, p[ar]t[e] de femur, cranio quasi inteïro

i: frag[mento] de cranio

j: vertebrae lombares

k: cabeça de tibia

l: muitos ossos: duas tibias, vertebra lombar, meio femur, umerus, outra tibia, cabeça de umerus, p[ar]t[e] superior de um radio, cubito, calcaneo, varios ossos do metatarso, cranio quasi inteïro

m: maxillar inferior

n: 2 vertebrae lombares, duas claviculas, cubito, p[ar]t[e] superior do femur, ossos do metatarso, osso do ante-braço, costellas, maxill[ar] inferior

Dimensões d'esta sepultura: comprimento 1,94 m; largura 0,50 m; altura de um dos esteios 0,38 m. Havia vestígios de, pelo menos, 3 esqueletos.

4ª. sepultura (Fig. 4, nº. 4)

Tem fôrma triangular, com vertice do lado Nascente. A estreiteza desse lado não era devido ao apêrto da terra, mas data da primitiva pois as pedras estavam solidas e verticaes. Em parte coberta p[or] lages atravessadas, em p[ar]t[e] descoberta. Em a encontrou-se um cranio, entalado entre as pedras, p[or] baixo d'elle uma tibia. Ao meio da sepultura: um maxillar inferior e vertebrae cervicaes. Noutro ponto encontrou-se muitos ossos, sendo alguns

de criança. Também se encontrou uma concha bivalve. Dimensões: comprimento 1,70 m; largura na p[ar]t[e] mais estreita 0,14 m e na p[ar]t[e] mais larga 0,45 m; altura 0,32 m. A tampa da sepultura fica a 0,45 m da superfície do solo.

Vestígios de 2 ou 3 esqueletos. O Sr. Mendes informou-me que tinha encontrado m[ui]t[as] sepulturas com esta forma triangular. Toda a pedra: calcareo.

O Sr. Mendes informou-me que as outras sepulturas, já desfeitas pelas necessidades do trabalho agrícola seriam umas 20, e que, á parte alg[umas], em que os ossos estavam reduzidos a pó ou m[ui]t[o] delidos, continham geralmente vestígios de mais de um esqueleto. Orientadas também de E. a O.

Como em tão limitado espaço, qual é o de cada sepultura, não cabia o n.º. de cadáveres que os esqueletos revelaram; e como os ossos não estão em posição natural: vê-se que estas sepulturas representavam, – pelo menos as que explorei, – outros tantos ossuários. Isto explica que com os esqueletos não se encontrassem objectos nenh[uns] (a concl[usão] seria causal, pois tamb[em] apparem fóra).

No terreno em volta: frag. de opus Signinum, uma asa que creio de amphora e varios tijolos certam[en]t[e] romanos. O Sr. Mendes informou que uma das sepulturas, pelo menos, tinha chão forrado p[or] alg[umas] partes por tijolos, que supponho romanos:

(dá o desenho de um tijolo rectangular, com as seguintes dimensões):

$$ab= 0,29$$

$$bc= 0,41$$

sulcos digitaes. Cór desmaiada.

Escolhi alg[uns] tijolos, e frag[mentos] de opus Signinum e asa de amphora; os cranios e a calote craniana e todos os ossos que me pareceram bons para o Museu.

Se todos fizessem, como o Sr. Mendes, que communicou o achado oportunamente com tanta liberalidade me permittiu as excavaç[ões] no seu terreno, me reservou a[s] sepultura[s] e os objectos, não se perderia tanta coisa.

Qual a epoch[a] ?

3 - MATERIAIS EXUMADOS

O relato de Leite de Vasconcellos e as notícias publicadas no *O Século* são concordantes na escassez de materiais arqueológicos achados no decurso dos revolvimentos que antecederam a intervenção daquele arqueólogo. Trata-se, apenas, de uma asa de ânfora, além das grandes tijoleiras que integram diversas sepulturas destruídas. A asa não se poderá relacionar seguramente com a necrópole. De facto, é peça mais antiga (ânfore HALTERN 70, da segunda metade do século I a.C. à primeira metade do século I d.C., segundo informação do Dr. Carlos Fabião, que agradecemos), à semelhança de outros materiais na altura encontradas na mesma propriedade, acidentalmente junto das sepulturas; com a menção “Cemiterio de Oeiras”, conservam-se diversos materiais no Museu Nacional de Arqueologia do final da Idade do Ferro (CARDOSO, 1996) ou da plena romanização, relacionando-se estes últimos com a já aludida *villa* (GOMES *et al.*, 1996), cuja parte *rustica* ou *fructuaria* se estenderia aos terrenos ulteriormente ocupados pela necrópole.

4 - DISCUSSÃO E COMPARAÇÕES

O manuscrito de Leite de Vasconcellos documenta o cuidado por este dispensado à exploração de quatro das sepulturas de inumação que constituíam a necrópole. Pouco usual para época, é a preocupação de localizar e registar

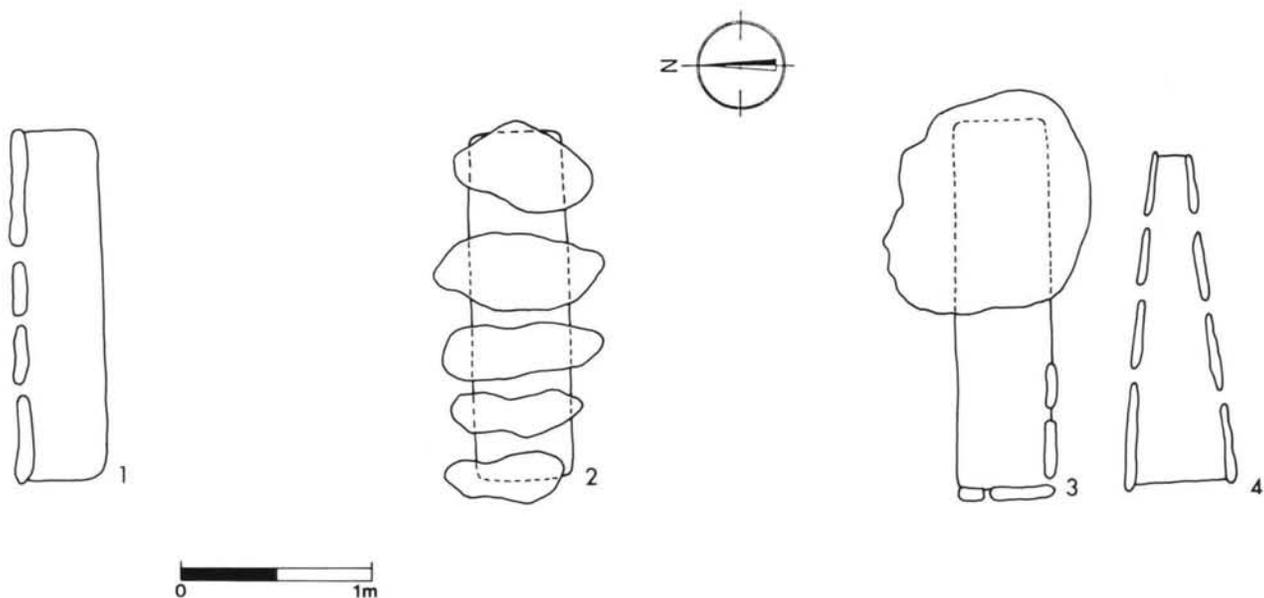


Fig. 4 – Necrópole romano-medieval de Oeiras. Implantação no terreno das quatro sepulturas escavadas por J. Leite de Vasconcellos, segundo esboço de sua autoria, modificado (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

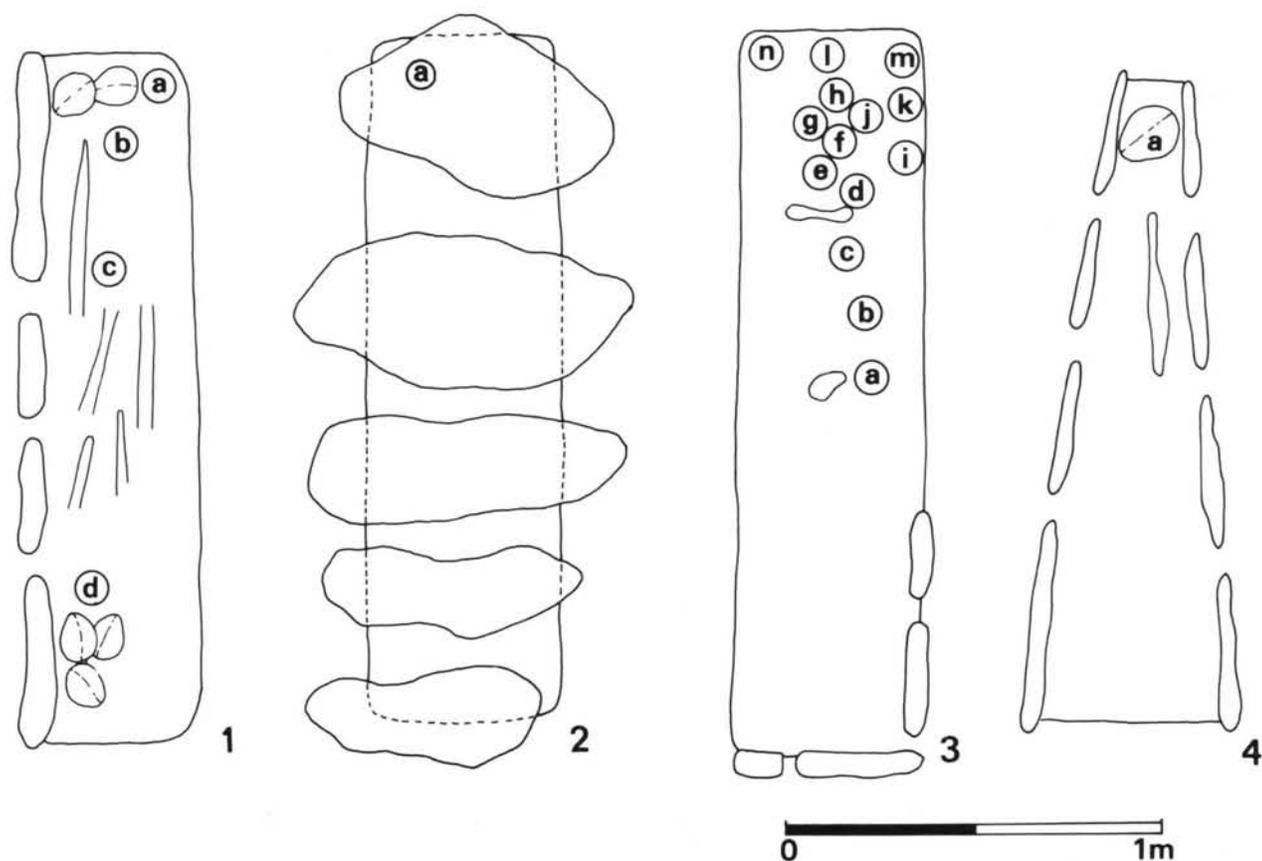


Fig. 5 – Necrópole romano-medieval de Oeiras. Planta das sepulturas exploradas por J. Leite de Vasconcellos e localização do espólio exumado, segundo original do autor, modificado (arquivo do Museu Nacional de Arqueologia).

graficamente, de forma rigorosa, em cada caixa tumular, os diversos ossos do esqueleto, cuidado muito pouco frequente na época, apenas tornado possível pela formação médica do autor. Tal cuidado permitiu identificar diversas inumações, utilizando sucessivamente a mesma sepultura estando, aparentemente os corpos colocados em decúbito dorsal (cf. sepultura 1, Fig. 5, nº. 1); por vezes, os crânios encontravam-se concentrados em uma ou em ambas as extremidades da sepultura, como se observa, respectivamente na sepultura 4 (Fig. 5, nº. 4) e na sepultura 1 (Fig. 5, nº. 1). Os restantes ossos das inumações anteriores seriam parcial ou totalmente removidos de cada vez que se procedia a nova tumulação; apenas se conservariam, nas caixas tumulares os respectivos crâneos; daí o aspecto desordenado em que tais materiais jaziam, aquando da abertura das sepulturas, facto que sugeria a Leite de Vasconcellos a hipótese de se tratarem de ossuários. Tal situação encontra paralelo próximo na necrópole de Talaíde, Cascais, explorada em 1975 (CARDOSO *et al.*, 1995), onde os crânios se acumulavam aos pés das sepulturas, ou lateralmente, formando verdadeiros “ninhos”, como se observou nas sepulturas 1 e 2 da necrópole em apreço. Há que considerar, complementarmente, perturbações e remeximentos naturais dos depósitos mortuários, resultantes de infiltração de águas pluviais no interior das sepulturas que, tal como se verificou em Talaíde, não eram preenchidas interiormente por terra.

No que concerne à tipologia das sepulturas, da sua representação em planta, evidenciam-se três tipos principais:

Tipo 1 - Sepulturas definidas por lajes colocadas verticalmente em quase toda a periferia, definindo recintos de contorno sub-rectangular ou sub-trapezoidal - sepultura 4 (Fig. 5, nº. 4);

Tipo 2 - Sepulturas de contorno sub-rectangular, definidas apenas em parte da sua periferia por lajes calcárias colocadas verticalmente, correspondendo a parte restante à parede natural do covacho - sepultura 1 (Fig. 5, nº. 1) e sepultura 3 (Fig. 5, nº. 3). Na primeira das referidas sepulturas, observa-se o aproveitamento de tijolos colocados horizontalmente sobre os topos das lajes calcárias, provavelmente com o intuito de os regularizar;

Tipo 3 - Sepulturas correspondentes a covachos de contorno sub-rectangular, abertos nas margas cretácicas, tapados por lajes dispostas transversalmente, na horizontal - sepultura 2, Fig. 5, nº. 2).

As sepulturas dos tipos 1 e 2 encontravam-se total ou parcialmente cobertas por lajes calcárias, toscamente afeiçãoadas, à semelhança do verificado na única sepultura do tipo 3. Correspondem ao modelo mais frequente da necrópole de Talaíde; nalguns casos, segundo o testemunho do proprietário do terreno, comunicado a J. Leite de Vasconcellos, corroborado pela notícia de *O Século* de 28/11/1901, o fundo das caixas tumulares encontrava-se forrado de grandes tijolos rectangulares os quais são visíveis, constituindo amontoado caótico, em último plano da Fig. 2. Quanto ao tipo 3, tem paralelo em apenas uma das vinte e oito sepulturas de Talaíde, a nº. 27 (CARDOSO *et al.*, 1995, Fig. 5).

As quatro sepulturas escavadas, todas com direcção Este-Oeste, dispõem-se em estreita faixa com orientação Norte-Sul (Fig. 4). A direcção referida é, aproximadamente, a que se observa em geral na necrópole de Talaíde, exceptuando-se, apenas, a sepultura 27, idêntica à sepultura 2 da presente necrópole.

A tipologia e organização das sepulturas de Talaíde e de Oeiras apresentam assinaláveis semelhanças, sugerindo cronologia próxima. Para o primeiro daqueles arqueossítios, obteve-se três datas de radiocarbono que sugerem utilização prolongada da necrópole, entre os meados do século II d.C. e os meados do século XI d.C. Por outro lado, em Talaíde, as sepulturas mais recentes eram totalmente desprovidas de espólio; tendo tal facto em consideração poderemos concluir que as quatro sepulturas escavadas da necrópole de Oeiras por J. Leite de Vasconcellos serão coevas das mais recentes de Talaíde, conclusão que pode estender-se à parte da necrópole anteriormente destruída, que também não parece ter oferecido espólio. A única oferenda funerária resume-se a uma concha não classificada em pormenor, recolhida por Leite de Vasconcellos na sepultura 4, a qual poderá considerar-se como oferenda fúnebre da comunidade cristã a um dos seus mortos. Neste contexto, as lápides romanas estudadas por HÜBNER (1892), a provirem do mesmo local, documentariam uma necrópole mais antiga, talvez coeva da ocupação da *villa urbana* situada actualmente no perímetro antigo de Oeiras e cujo elemento mais expressivo é constituído por mosaico atribuível ao século II d.C., recentemente estudado (CARDOSO *et al.*, 1996; GOMES *et al.*, 1996).

AGRADECIMENTOS

Ao Director do Museu Nacional de Arqueologia pelas facilidades concedidas a um de nós (J. R. C.) no acesso ao Arquivo documental do referido Museu.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1996) - O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 361-365.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - *Carta arqueológica do concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & GUERRA, M. F. (1995) - A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 315-339.
- CARDOSO, J. L.; GOMES, M. Varela & ANDRÉ M. C. (1996) - Mosaico de Oeiras. *Centros Históricos*, 5/6, p. 22-31.
- CORREIA, V. (1913) - Sepultura romana nos arredores de Oeiras. *O Arqueólogo Português*, 18, p. 93-95.
- FERREIRA, O. da Veiga & FERREIRA, S. da Veiga (1962) - Algumas notas histórico-arqueológicas sobre Oeiras. *Actas do 26º. Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. (Porto, 1962), p. 221-228.
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) - O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 367-406.
- HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 2 (Suplemento). Berlin.
- VASCONCELLOS, J. de Leite (1915) - *Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914)*. Imprensa Nacional. Lisboa.